ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 18 DE FEVEREIRO DE 1900 N.° 821 de "O Povo de Aveiro,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 27

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.° Anno

CONTINUANDO

O sr. typographo deu *raia*. E vae para notario publico ou para coisa equivalente!

Queriamos poupar-lhe o desgosto de nos ouvir isto. Mas a nossa paciencia não é precisamente a paciencia do Joãosinho.

Muita temos nós tido. Temos acarretado cem vezes com a responsabilidade dos disparates do sr. typographo. E, na impossibilidade de revermos os nossos artigos, ha muito que teriamos *fechado a porta* se possuissemos velleidades de litterato, isto é de escrevinhador. Mas como não temos a mania das litteraturas, como damos mais importancia ao pensamento do que á fórma, e o pensamento sobrenada sobre todas as asneiras da revisão, da composição e da propria factura, vimos aguentando e calando ha muito tempo.

Entretanto, sr. typographo, para asneiras bastam as nossas. Hein? Olhe que tanta bacharelice da sua parte já é demais. Vae-nos parecendo mangação. E lá para mangações é que não temos feitio. Ou então é muito bronco!

Vá para casa de Deus ou do Diabo. Se anda a estudar para bacharel, diga-o. Se se habilita a deputado, diga-o tambem. N'esse caso a culpa é nossa. Sim, nossa, porque já sabemos que um aspirante a bacharel ou a deputado não póde dar coisa aproveitavel nem util. Mas se não estuda para bacharel, se não se habilita a deputado se não tenciona ser administrador do concelho, se não espera ser eleito membro do directorio do partido republicano no proximo congresso, então não deve ser muito bruto, então manga comnosco e o caso é sério.

Não nos altera o pensamento, dissémos! Pois não é tanto assim. No ultimo artigo alterou-nos tudo e foi com isso que arreliámos.

Em caso nenhum seriamos capazes de injuriar um salteador decidido e valente chamando a essa escoria, que predomina na sociedade portugueza, *bandidos de estrada.*

Não são homens, dissémos nós, *são* bandidos. *Mas não bandidos de estrada*, accrescentámos.

E o que fez o sr. typographo? Poz: «mas *são* bandidos de estrada.»

Ora vá para casa do diabo, repetimos. Quando quizer dar honrarias a esses pelintras, dê-as por sua conta.

Bandidos de estrada! Pois nós podiamos lá chamar tal coisa a esses reptis, que sabem engraixar botas n'uma attitude ignobil, ostentando toda a mentira, toda a hypocrisia, toda a baixeza de que só é capaz o animal que se chama homem?

Que nos perdoem os engraixadores de profissão. Estes são muito respeitaveis, porque engraixam sem lamber. E engraixam por dez réis. E não olham para o dono das botas, dono que não lhes importa, dono que não conhecem. A questão d'esses está só nas botas. Lustradas as botas venham dez réis e que leve o diabo o dono das botas. Que vá passeiar ou que vá para a pata que o poz, é coisa que tanto importa ao engraixador como o sujeitinho dono das botas trazer a cara lavada ou a cara suja, para a qual não olha o engraixador visto que não foi a cara que o sujeito lhe deu para engraixar.

Mas os outros lambem e engraixam e lambem antes, depois e durante a engraixadella. Lambem as botas como seriam capazes de lamber coisa mais suja, se o dono das botas quizesse que elles lambessem. Para esses, a questão não é das botas, é do possuidor. O honrado profissional tanto engraixa as botas do rico como do pobre, do fidalgo como do plebeu, do oppressor como do opprimido. O engraixador encasacado só engraixa as botas do que póde mais do que elle. As botas, para esse tratante, são um meio, não são um fim.

Não haja, pois, confusão. Perdoem-nos os honrados profissionaes engraixadores de botas a similhança do nome, que provém da similhança, só na apparencia, do officio.

Pois quê? sr. typographo! Bandidos de estrada! Bandido de estrada é um homem valente. Quando é que o senhor viu ser valente um salafrario d'esses que o sr. encontra a rastejar na frente de todos aquelles que, dignos ou indignos, intelligentes ou estupidos, dispõem d'uma parcella de mando?

Um bandido de estrada já é um homem digno na sociedade portugueza. Bandidos de estrada, não. Nem bandidos de batota. Nem bandidos, afinal. Uma gaiatada sem pudor. Assim o escrevemos e assim é, sr. typographo.

Esta rectificação era indispensavel.

E, feita ella, sem tratarmos d'outras asneiras somenos, continuaremos no proximo numero.

Mas veja lá o sr. typographo se se resolve a tratar do seu officio mais convenientemente. De outra fórma, ou temos que trancar a porta d'essa redacção ou que passar o tempo a fazer rectificações, e esta ultima parte seria d'um mau gosto e de uma incorrecção imperdoaveis.

Está na sua mão.

Andorinhas

Dizem-nos de Lisboa que já alli appareceram as primeiras andorinhas.

Bemvindas sejam.

LÁ COMO CÁ

Ha dias um artista dramatico de Copenhague, o sr. Scheberg, aggrediu ás bengaladas, em plena rua, o publicista e politico Edward Brandes. Seguiu-se um duello trocando-se quatro balas sem resultado.

Estes não pediram perdão ao papa. São protestantes.

A PROPOSITO DO PADRE

Suspendemos estes artigos por falta de tempo para os escrever. Essa falta foi sentida por muitos leitores, que, segundo elles nos declaram, seguiam os artigos com attenção, instruindo-se e deleitando-se. Ora se nunca foi nosso proposito interrompel-os, mais vontade temos hoje, depois d'aquella declaração, de os continuar.

O padre prestou-nos esse grande serviço. Deu-nos occasião e pretexto para uma excellente propaganda, tanto mais util n'este instante quanto é certo o paiz atravessar um periodo de verdadeira reacção ultramontana. Essa propaganda não tem sido perdida e ainda bem. Desde que uma mulher poderosa se poz á frente do beaterio, isto vae cahindo n'uma vergonha que todos os espiritos esclarecidos devem combater tenazmente. A influencia d'essa mulher não se limita a proteger e a zelar os interesses da Egreja em detrimento dos interesses civis, sempre profundamente antagonicos. Faz mais. Faz com que a bandalheira de todas as côres se lance de cabeça para baixo na reacção. Uns por modo, outros por elegancia, outros por politica, tudo chafurda no lodaçal do beaterio. Como a mulher é de bom tom, todas as damas que lhe ficam para baixo a querem imitar. Ricas e fidalgas do bom tom, ou fraldiqueiras pobres e plebeias com aspirações a bom tom, primam em exceder no beaterio aquella que lhes está superior em moda e posição. Já não a imitam só. Excedem-n'a, que é esta sempre a tendencia d'uma imitação inferior.

Isto no mulherio.

Entre os homens a mesma coisa. Como a mulher em questão é influente, a bandalheira, que vive da politica e do orçamento, não ha baixeza a que não recorra para lhe agradar. Não se limitam a ser beatos. Chegam a ser pulhas, o que é peior. Nem no tempo de D. Miguel se viu os homens confessarem-se, commungarem e pedirem, por todas as fórmas, absolvições para o crime de terem entrado n'um duello. Isto estava reservado para este periodo de suprema abjecção, a que chegámos!

E ninguem acredita que seja sincero um bandalho que pede d'essas absolvições e d'esses perdões. Não é por um espirito sincero de religiosidade. E' por subserviencia, é por servilismo, é por torpe e canalha adulação. Querem ganhar as boas graças de quem póde. E para isso sujeitam-se ao papel de beatos indecentes, como se sujeitariam a tudo. Quem é capaz, conscientemente, d'um grande ridiculo, é capaz de todas as torpezas.

O paiz está n'esse estado de abjecção clerical. Não é só a escandalosa protecção aos padres. Não é só um attentado permanente á liberdade de consciencia. E' a bandalheira dos caracteres, o que aggrava muito a situação.

N'estes casos, combater o ridicularisar essa tendencia, mostrar, com a historia e com a sciencia, a quantos males tem conduzido o espirito religioso, em geral, e o catholico, em particular, é prestar a esta terra o maior de todos os serviços.

Vamos, pois, continuar os nossos artigos. Mas já pela longa duração, que teem tido esses artigos, já pela interrupção, que ultimamente soffreram, convém recapitulal-os rapidamente.

Deixemos a besta do padre de parte com todas as suas formidaveis bestialidades, que essa besta já nem se discute, e vamos propriamente á parte scientifica e historica.

O christianismo foi um retrocesso, um movimento de recúo sobre a civilisação antiga. Mostrámos isso com uma larga exposição de factos, com eruditas citações, com a auctoridade de todos os grandes escriptores do mundo. Não é um só a affirmal o e a proval-o. São todos. São homens de reputação universal, sábios consagrados, tudo quanto ha de mais distincto na mentalidade superior da ultima metade do seculo, Max Muller, De Bunsen, Hovelacque, Lefèvre, Vinson, Letourneau, Guyot, Guyau, Draper, Hauet, Mortillet, etc, etc.

Christo divino é uma lenda. A divindade de Jesus nem pelos espiritos mediocres já é tomada a sério. A virgem Maria seria uma excellente mulher, mas não passou de uma mulher como ha muitas. Casou com um pobre homem, e d'elle teve um filho, que foi esse nevrotico Jesus, esse agitador que veio a morrer como todos os revolucionarios infelizes. Não foi manso, nem prégou doutrinas mansas, como pretendem os idiotas e os ignorantes. Pelo contrario, foi um homem que encarnou em si as reivindicações d'uma plebe faminta de pão e de justiça e, como tal, violenta, rancorosa, prompta a saciar-se e a vingar-se. E' a plebe de todos os paizes e de todos os tempos.

Sobre isso não ha hoje duvidas, nem as haveria nunca, se se lêsse o evangelho com olhos de vêr, ou se os padres, se a inquisição, o deixassem lêr.

Eu não vim trazer a paz á terra; eu vim trazer a espada, eu viu trazer o fogo e quanto mais depressa ella arder tanto melhor.

De futuro, n'uma casa de cinco

(27 **FOLHETIM**

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XI

«O' Moleiro, toma sentido na maquia!» O Moleiro, pegando no pau pelo meio, e fazendo-o revolutear em torno da cabeça pela maneira que os francezes chamam *faire le moulinet,* bradou em tom de basofia:—Avança, labrego, se te atreves; saberás quanto pesa o punho de um moleiro!

— Se és moleiro, respondeu Gurth intrepidamente, fazendo girar o varapau em volta da cabeça com a mesma dextreza, és duas vezes ladrão e eu, como homem honrado, te desafio.

Dizendo estas palavras, os dois campeões atacaram-se reciprocamente e durante alguns minutos patentearam perfeita egualdade de forças, de coragem e de agilidade, aparando e atirando os golpes com a mesma rapidez e dextreza, de maneira que pelo estrepito dos paus batendo continuamente um no outro poder-se-hia suppor a distancia que estavam luctando pelo menos seis pessoas de cada lado. Luctas menos encarniçadas e menos perigosas teem sido descriptas em magnificos versos heroicos; mas a de Gurth e do Moleiro não terá essa honra, por falta de um poeta inspirado para descrever as suas peripecias successivas. Entretanto, comquanto o combate a varapaus ferrados tenha já passado de moda, vamos diligenciar descrever em prosa o combate dos dois destemidos campeões.

Por muito tempo luctaram com successo egual, até que o Moleiro começou a perder a paciencia por se encontrar deante de um adversario tão vigoroso e por ouvir os risos dos seus companheiros, que, como é costume em taes casos, se alegravam com o seu vexame. Essa situação d'espirito não é nada favoravel ao nobre jogo do pau, no no qual, como no ordinario jogo da bengala, é indispensavel o maximo sangue frio; e foi ella que forneceu a Gurth, cujo temperamento era firme, comquanto mal humorado, occasião de adquirir decidida vantagem, aproveitando se habilmente da sua superioridade.

O Moleiro carregava sobre elle furiosamente e batia alternadamente com as duas extremidades do pau, avançando até meia distancia, emquanto que o porqueiro se defendia do ataque, conservando as mãos no pau separadamente e cobrindo-se com um sarilho extremamente rapido, de maneira a proteger a cabeça e os membros. E manteve-se na defensiva, fazendo mover ao mesmo tempo n'um perfeito accordo o olho o pé e a mão, até que, observando que o seu antagonista estava já quasi sem folego, atirou-lhe um golpe á cara com a mão esquerda; e emquanto o Moleiro tentava aparal-o, passou o pau para a mão direita e descarregou-lhe sobre o lado esquerdo da cabeça uma pancada com tal força que o fez medir o chão redondamente.

— Bravo! Foi um bote digno de um *yoeman!* exclamaram os saltеadores. Combate leal e bem sustentado! Viva a velha Inglaterra! O saxão salvou a bolsa e a pelle e o Moleiro encontrou um mestre.

— Podes continuar o teu caminho, meu amigo, disse o capitão, dirigindo-se a Gurth, confirmando a opinião geral, e vou dar-te dois dos meus camaradas para te guiarem pelo melhor caminho até ao pavilhão de teu amo e para te livrarem dos vagabundos nocturnos de consciencia menos escrupulosa que a nossa; porque ha muitos que estão á espreita n'uma noite como esta. Todavia, accrestou elle em tom severo, lembra-te que não nos quizestes dizer o teu nome,—não procures saber os nossos e descobrir quem nos somos. Se o tentasses, não serias tão feliz como d'esta vez.

Gurth agradeceu ao capitão a

pessoas haverá tres contra duas e duas contra tres.

Quem deixar por mim a sua casa, as suas terras, os seus irmãos, as suas irmãs, a sua mulher ou seus filhos receberá desde esse momento o centuplo em casas, em terras e em parentes. Muitos que eram os ultimos serão os primeiros e muitos que eram os primeiros serão os ultimos.

Conduzi esses homens que são meus inimigos e matae-os na minha presença.

Desgraçados de vós, ricos, que haveis de gemer e de chorar.

Desgraçados de vós, hypocritas, sepulchros enbranquecidos, bellos por fóra, mas cheios de immundicies por dentro, serpentes, raça de viboras, monstros de iniquidade!

Mais facil será a um camello passar pelo fundo d'uma agulha que a um rico entrar na reino dos céos.

E reune os factos ás palavras pegando n'um chicote e expulsando os vendilhões do templo.

Assim lançava esse homem ao mundo as sementes do odio e da intolerancia de que o christianismo sempre deu provas.

E' a synthese da plebe patrioteira, faminta, violenta, rancorosa, vingativa. Fel-o manso a exploração religiosa e acreditou-o tal a ignorancia do grande numero.

Nem é uma religião de paz, nem é uma religião d'amor, nem é uma religião nova, essa que encheu o mundo de sangue. Nova em quê? Trouxe tudo do paganismo e das religiões passadas. Nem o symbolo da cruz é d'ella. Chamam-lhe a religião da cruz, mas a cruz tinha já pertencido a outras religiões. Prova-o Mortillet no *Signe de la croix avant le Christianisme*. Dil-o Vinson nas *Religions Actuelles*. Demonstra-o Letourneau na *Évolution Religieuse*.

Todos os dogmas christãos são copiados. Na moral de humildade e de renuncia, o budhismo excedeu-o.

O céo, o inferno, o purgatorio, o cordeiro de Deus, as imagens, as reliquias, as procissões, o natal, a paschoa, todas as festividades catholicas, os proprios templos com os nomes especiaes das suas divisões, os proprios paramentos e vestes sacerdotaes, os proprios sinos das egrejas, tudo isso era conhecido, tudo isso era antigo, tudo isso foi adoptado ou copiado.

Está estudado. Está provado. Não ha duvidas, hoje, a tal respeito.

O paganismo era sábio; o christianismo surgiu ignorante. O paganismo era polido; o christianismo fez-se selvagem. A sciencia antiga foi queimada nos livros e apunhalada nos homens. A destruição da bibliotheca dos Ptolomeus e o assassinato de Hypathia iniciam essa guerra feroz á intelligencia, ao saber humano, que se prolonga com as perseguições a Copernico e a Galileu, com a queima de Giordano Bruno e com todas as atrocidades do apogeu do catholicismo no mundo.

Quando os philosophos pagãos proclamavam a independencia do homem, a rehabilitação do escravo, a egualdade da mulher, o christianismo veio manter a subordinação do homem ao homem e de todos os homens a Deus. Foi o absolutismo puro. Foi a idéa perenne *d'um que nos governe.*

Deus, o senhor supremo. Em nome de Deus o papa, o rei, o mandão, o tyranno. O christianismo foi a doutrina da sujeição do homem ao homem. D'essa doutrina resultou a abdicação das vontades, isto é o absolutismo, que foi parar á tyrannia.

O christianismo, na grande phrase de Guyot, lançou a humanidade de ventre no chão. O Deus papão, mandando todas as desgraças, impondo todos os crimes. O homem victima, e o homem respondendo sempre: *Deus assim o quiz.*

Como delegado de Deus o rei e a sua côrte, arbitros supremos dos vassalos. Todas as maldades que fizessem eram boas, *porque podiam sempre fazel-as peiores.*

Era a tyrannia de Deus e a tyrannia do rei. Deus e o rei colligados dispozeram da vida e da fortuna do mundo. Deus precisava do rei para manter a escravidão do homem e o rei precisava de Deus para conservar a sua tyrannia. E então fizeram um pacto. Deus perdoava tudo ao rei. E o rei dava tudo a Deus. E assim fomos cahir n'essa torpeza, n'essa licenciosidade, n'essa infamia, que ainda hoje continúa, dos grandes da terra praticarem todos os crimes com a certeza de serem absolvidos pelos representantes de Deus.

Ainda n'outro dia o Zé d'Alpoim se bateu em duello contra as leis severas de Deus. Mas o Zé d'Alpoim pediu perdão a Deus e o perdão de Deus veio, a correr, mandado de Roma. Sempre assim. A Egreja condemnando, mas sempre prompta a perdoar, a absolver os grandes e poderosos da terra.

O paganismo, abandonado á corrente philosophica de emancipação, que o invadiu quando surgiu o christianismo, teria dado a liberdade e a dignidade do genero humano. O christianismo, prégando a sujeição, intolerante, feroz n'essa intolerancia, não discutindo mas impondo, lançou sobre a humanidade essa noite de estupidez e de tyrannia, que envolveu o mundo desde a quéda do paganismo até á Renascença, noite que só teve o quarto d'alva na Revolução franceza e de que ainda agora começa o amanhecer radiante.

Tal foi o christianismo.

E continuaremos.

Doente

O sr. dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, presidente da camara d'este concelho e professor do lyceu tem estado retido em casa com um ataque de «influenza».

Apetecemos-lhe rapido restabelecimento.

Achado precioso

A draga tirou do fundo da ria, mesmo em frente da rua das Barcas, um objecto de fórma extranha, mas que á primeira vista aparentava ser um cofre. Chamado um serralheiro, o supposto cofre foi aberto, não sem grandes difficuldades, e encontrou-se-lhe dentro grande quantidade de chapas redondas, com 0m,03 de diametro, tendo cada uma vestigios d'uma inscripção já quasi apagada. Um intendedor que as examinou, declarou que as chapas eram moedas carthaginezas, do tempo das guerras punicas e que pelos vestigios dos caracteres se depreendia terem sido mandadas cunhar pelo general carthaginez Amilcar Barca. Na opinião d'este antiquario a rua das Barcas prende-se com a historia do referido general. Nós acreditamol-o, pois não temos o mais insignificante motivo para duvidar da probidade scientifica de quem tem gasto o melhor da sua vida em investigações archeologicas justamente consideradas no estrangeiro.

Pede-nos este illustre homem de sciencia que não lhe divulguemos o nome. Muito nos custa, mas vá lá.

«Filho das Hervas»

E' este o titulo d'um romance que a empreza editora Tavares Cardoso & Irmão, de Lisboa, tenciona pôr em breves dias á venda.

E' seu auctor o brilhante romancista «Mulata» que tão grande successo causou no Rio de Janeiro, a ponto de se esgotar em dois mezes uma edição de 15:000 exemplares.

Agouramos ao »Filho das Hervas» o mesmo successo.

Cartas d'Algures

15 de Fevereiro.

Volto a falar nos boers apenas pela alegria de falar em tal assumpto. Porque, áparte essa alegria, os acontecimentos não precisam de commentarios. Dizem tudo por si.

Varios litteratos, varios sábios e varios patetas ainda perdem tempo a discutir se nós temos motivos para ser amigos ou inimigos dos boers. Segundo um, não ha de ser o boer que ha de revolucionar a Africa. O boer é branco, é de raça europeia.

Ha de ser o preto!

Olhem que é sabio e litterato, o ratãosinho.

Ha de ser o preto!

Pois está claro. Como foi o indio que revolucionou a America, que revolucionou a Oceania, fazendo da America e da Oceania o que ellas são.

Mas é sábio! Mas é litterato!

Outro entende que o boer é o descendente do hollandez que nos expoliou ha centos d'annos. Logo, não ha motivos para sermos amigos do boer.

Tambem é claro isto. Mas ha motivo para sermos amigos do hespanhol. Assim o entende o illustre escriptor que é dos que motejam das phylarmonicas e luminarias do 1.º de dezembro!

Uns *sucios*. E cada vez mais *sucios*.

Ora para nós sympathisarmos com os boers basta a coragem, a valentia, a habilidade com que elles se estão batendo pela independencia da sua terra. E' preciso que um homem seja muito mesquinho para se lembrar de aggravos de ha trezentos annos, deante do espectaculo extraordinario que estamos presenceando em Africa.

Não comprehendo a hostilidade, mais ou menos patente, com que estes miseraveis encaram os boers. Uma boa alma sympathisa irresistivelmente com os boers. Essa sympathia impõe-se. E' inevitavel; é fatal. D'um lado o maior povo da terra. D'outro lado um povo minusculo. E esse povo minusculo vence na diplomacia, e vence, na arte difficilima da guerra, aquelle gigante, deante do qual todo o mundo recuava com medo!

Pois o extraordinario d'este facto não dá um tal prestigio, uma tal aureola ao Transwaal, que não provoque a favor d'este paiz uma invencivel corrente de sympathia? Se este facto, que é o mais espantoso d'este seculo, não consegue despertar um grande enthusiasmo, o que haverá que o desperte? E desde que haja enthusiasmo ha, necessariamente, sympathia.

Está tudo explicado. Dispensam-se licções de sábios e commentarios de litteratos.

A campanha do Transwaal recorda todas as façanhas epicas dos tempos antigos. Aquillo chega a parecer inacreditavel. Como d'um povo de lavradores sahiu um exercito admiravelmente organisado, que não recebe licções de ninguem, antes as está dando a todo o mundo, é caso para produzir a mais extraordinaria e a mais estupenda admiração. A gente lê e quasi que não acredita.

A Inglaterra, a grande e poderosa Inglaterra, batida systematica, methodica, tenaz e implacavelmente, por um paiz que tem menos habitantes brancos do que Lisboa, é uma coisa de lenda, de historia de carochinha, que á nossa intelligencia se offereceria como inacreditavel, como phantastico, se o não vissemos.

Mas vimol-o. Mas é real. Mas é verdade. E isto é de sobra para explicar todas as sympathias. São sympathias filhas da admiração.

Nós admirâmos, antes de tudo, o Transwaal. E d'essa admiração resulta a nossa maior sympathia.

Menos habitantes brancos do que Lisboa! Muito menos, os transwalianos propriamente ditos. Quando rebentou a guerra tinha o Transwaal uma população branca de 120:000 a 125:000 nacionaes. Só isto! O resto eram estrangeiros, 160:000 a 165:000, quasi todos inglezes. E como 120:000 nacionaes não só conteve em respeito 160:000 estrangeiros, o que já é alguma coisa, como vae derrotando e vencendo a grande, a formidavel nação ingleza, que tem milhões, e milhões e milhões de habitantes. Eu só agora acredito n'aquellas historietas da velha Grecia, em que pequenos exercitos faziam frente aos exercitos das maiores nações da terra.

Agora acredito.

De resto, *elles* vão-se chegando ao rego. As amiguinhas *Novidades* já não dizem, como ao principio, que o Transwaal é um povo de barbaros!

Que figura tão ridicula que teem feito as taes *Novidades* e mais amigos dos inglezes! Logo de principio se viu que o exercito boer era magnifico e que o inglez lhe estava muito abaixo. Só o não via uma besta. Pois *Novidades* só agora começam a admittir que os boers valem, realmente, muito, e que os inglezes valem, realmente, muito pouco.

Safa, que foi preciso tempo!

Mas d'onde vem a superioridade dos boers?

Vem de que elles acreditam, em primeiro logar, muito em Deus, mas não se fiam nada n'elle. Fiam-se muito mais nos seus canhões, nas suas espingardas, nos seus soldados e, com a *graça de Deus*, foram-se preparando com isso tudo para o que désse e viesse.

A *graça de Deus* dos boers faz essa differença da *graça de Deus* dos hespanhoes. Os hespanhoes fiavam-se principalmente nos escapularios, nos bentinhos e nas rezas. Os boers fiam-se principalmente nos seus soldados e nos seus canhões.

A este proposito lembro-me de que quando eu dizia a minha velha mãe, que era uma mulher inculta, mas intelligente a valer, que deixasse as contas porque, por mais que se esforçasse a rezal-as, não ganharia com ellas o reino dos céos, minha mãe respondia-me sempre: «Póde ser que tu tenhas razão e que as tuas doutrinas sejam verdadeiras, mas custa-me tão pouco isto que não vale a pena eu correr um risco por tão pequeno trabalho.»

Na verdade, não sendo ella beata, antes abominava o beaterio, não podendo, pela falta de cultura da sua intelligencia, substituir, com serenidade de consciencia, as crenças da infancia, e sendo, realmente, o inferno ou o purgatorio, se existissem, uma coisa séria, eu achava-lhe razão e admirava o seu espirito pratico. Rezar as contas ao sabbado, ir aos domingos á missa e confessar-se uma vez no anno não era grande trabalho para quem tinha duvidas de consciencia sem edade nem meios de as desfazer. A' sua intelligencia robusta, mas inculta, afigurava-se uma *cantiga* toda a pantominice religiosa. Mas, espirito previdente, ia-se *acautelando sempre*. Os boers estão no mesmo caso. Para elles a *graça de Deus* é uma questão de *cautela*. Como toda a gente forte, previnem-se para o que dér e viér. A *graça de Deus* é para o outro mundo, *se calhar*. N'este, fiam-se tão pouco n'ella, que se armaram até aos dentes e que se instruiram como quem tem mais a haver-se com o diabo que com Deus.

Alli não ha beaterio, este beaterio ignobil, todo cheio de hypocrisias e de torpezas, que caracterisa a velha Europa e, principalmente, a Europa catholica. O tempo só lhes chega para ganhar a vida, trabalhando.

Depois, por isso mesmo que

---

sua cortezia e prometteu seguir as suas recommendações. Dois dos *outlaws*, armados dos seus varapaus e marchando na frente, conduziram-n'o por um carreiro que atravessava a matta aos torciollos. Mesmo na orla do bosque sahiram-lhe á frente dois homens e falaram com os seus conductores, e, depois d'estes lhes terem respondido em segredo, retiraram-se para o massiço e deixaram-nos passar tranquillamente. Este incidente mostrou a Gurth que o bando era numeroso e que tinha estabelecido uma guarda regular em torno do seu ponto de reunião.

Quando chegaram á planicie, onde Gurth se teria visto embaraçado em achar o seu caminho, os salteadores guiaram-no até ao alto de uma pequena eminencia, d'onde se podiam vêr, á claridade da lua, as palissadas da liça, os pavilhões levantados em cada extremidade com os galhardetes que os adornavam fluctuando ao luar, e se podia ouvir a toada das canções com que as sentinellas procuravam matar o tempo da sua vigilia nocturna.

Os salteadores pararam ahi.

— Nós não vamos mais para diante, disseram elles; não seria prudente que o fizessemos. Lembrae-vos da recommendação que vos fizeram,—guardae segredo sobre o que vos aconteceu esta noite, que não tereis de vos arrepender por isso; se desprezardes o que vos digo nem a torre de Londres vos poderá proteger contra a nossa vingança.

— Boa noite, meus generosos senhores, disse Gurth. Eu não me esquecerei das vossas advertencias e creio que não vos offendereis desejando-vos um modo de vida menos arriscado e mais honesto.

Em seguida separaram-se, voltando os *outlaws* para o lado d'onde tinham vindo e dirigindo-se Gurth para a tenda de seu amo, a quem, apezar da prescripção que lhe fôra feita, relatou todas as suas aventuras d'essa noite.

O cavalleiro «Desamparado» ficou extremamente surprehendido não menos da generosidade de Rebecca, da qual, no entanto, resolveu não se aproveitar, que da dos salteadores, a cuja profissão uma tal qualidade parecia dever ser extranha. O curso das reflexões que lhe despertavam estes singulares acontecimentos foi, comtudo, interrompido pela necessidade de tomar repouso, o qual tanto as fadigas d'esse dia como a conveniencia de recuperar as forças para as justas do dia seguinte lhe tornavam indispensavel.

O cavalleiro deitou-se, pois, sobre o magnifico leito de que a tenda estava guarnecida; e o fiel Gurth, estendendo os seus robustos membros sobre uma pelle de urso que formava uma especie de tapete ao pavilhão, deitou-se através da porta, de maneira que ninguem pudesse entrar sem o acordar.

XII

Os arautos cessam de percorrer a liça, as trombetas e os clarins tocam agora ruidosamente. Não ha mais nada a dizer, mas de leste e oeste avançam cavalleiros com a lança em riste e as esporas afiadas nos flancos do cavallo. Aqui vêem-se luctar uns com os outros a cavallo e a pé; além as frechas fazem-se em pedaços de encontro aos escudos espessos, os ferros penetram até ao coração; as lanças são arremessadas a vinte pés d'altura; as espadas, brilhantes como laminas de prata, procuram fender e despedaçar os elmos: o sangue jorra, formando sinistros ribeirões vermelhos.

Chaucer.

A manhã appareceu com o esplender de um céo sem nuvens, e ainda o sol principiava a elevar-se no horisonte e já os espectadores, tanto os mais mandriões como os

não são ociosos, ainda fazem filhos á pae Adão. Não sabem outras modas. Os diccionarios d'elles ainda não precisaram de substituir a palavra puta por *puto* e *fressureira*. Fressureira, digamos de passagem, tambem apparece no novo diccionario de Candido de Figueiredo.

Quem manda lá é o tio Paulo, que não precisa de engraixadores, porque, no geral, nem botas engraixadas elle usa.

Ora um povo sem côrte, sem putos, sem fressureiras, sem engraixadores, com a *graça de Deus* como simples medida de cautela, havia de ser necessariamente o que é: um povo de homens, que causa assombro, pasmo, espanto, por isso mesmo que os homens teem desapparecido do mundo.

Nós sômos todos arrastados pelo prestigio do valor. Toda a Europa está assombrada a olhar para aquillo, porque a Europa já não sabia o que podia dar um povo de homens. Nós sympathisamos com os boers como o impotente sympathisa com o potente.

E' esse o segredo da força do Transwaal.

E' esse o motivo das sympathias universaes.

A. B.

BAZAR

E' no dia 19 do proximo mês de março que a direcção do Recreio Artistico inaugura o bazar permanente a que aqui nos referimos já, e cujo producto reverterá em beneficio da caixa de soccorros d'esta associação.

São numerosas e de valor as prendas já recebidas e é de esperar que muitas mais se se recebam, pois ninguem, por certo, deixará de auxiliar uma ideia tão louvavel, como é a da actual direcção do Recreio, promovendo o augmento dos fundos d'uma caixa que, se agora ainda não póde servir de grande auxilio aos associados doentes, está evidentemente destinada a ser no futuro um importante monte-pio.

E visto que tratâmos d'este assumpto, seja-nos permittido um alvitre. Ha ahi duas phylarmonicas, exclusivamente compostas de artifices, muitos dos quaes são socios do Recreio, e tendo, por este motivo, direito aos beneficios da referida caixa. Ora não seria justo que, de quando em quando e para chamar concorrencia, alternadamente uma d'ellas tocasse no atrio da Sociedade?

A' consideração do sr. presidente da direcção submettemos este alvitre que nem se nos affigura irrealisavel, nem tão pouco desaproveitavel.

Jayme Duarte Silva
ADVOGADO
R. DO SOL—AVEIRO

PHENOMENO CELESTE

Hontem, pelas 10 horas da noite, appareceu o firmamento illuminado por um enorme clarão, como se tudo ardesse n'um pavoroso incendio. Muita gente assustada contemplava o phenomeno, sem encontrar explicação satisfactoria, quando de subito uma lingua de fogo mais intenso atravessou vertiginosamente os ares na direcção de N E, e logo em seguida se ouviu um medonho estampido, caindo tudo na mais profunda escuridão. Os receios das pessoas que presenciavam o extraordinario phenomeno, redobrou de intensidade. Houve gritos, desmaios, uma confusão enorme que se prolongou por alguns minutos, após os quaes todos voltaram a si do susto. Não nos consta que alguem ficasse gago.

O que seria?

O TEMPORAL

Em Aveiro, felizmente, não ha a registar perdas e damnos como os que a imprensa de todo o paiz tem enumerado.

Muita chuva e muito vento. As aguas da ria avolumadas passaram por cima das motas dos canaes, e na cidade houve uma pequena inundação nas ruas contiguas ao caes.

O temporal fez simplesmente perdas a alguns proprietarios de marinhas indo-se-lhes embora algumas canastras de sal.

Porém, se o vento girasse para N O, as perdas na ria haviam de ser grandes. Assim o affirmam os intendidos.

Feira de Março

Principiou já a construcção do abarracamento para a proxima feira de Março, que se abre n'esta cidade, no dia 25 do mez que vem.

Consta-nos que a Companhia Lisbonense virá este anno dar alguns espectaculos por occasião d'esta feira.

BAILES DE MASCARAS

Teem corrido animados estes divertimentos.

Na quarta-feira houve no Theatro baile particulr, dançando-se com enthusiasmo até ás 5 da manhã.

As nossas tricanas esmeraram-se, apresentando-se vestidas a caracter o que contribuiu para dar ao baile uma nota d'agradavel impressão, que deixou saudade aos *habitués* d'estas diversões. Para lhes satisfazer o empenho e a pedido de varias familias, promovem os emprezarios novo baile particular na proxima quarta-feira.

Hoje ha o baile publico do costume, dando-se um premio de valor ao mascara que melhor se apresentar.

No salão da Praça do Peixe reina tambem grande enthusiasmo n'estes divertimentos.

No dia do beneficio para a Associação dos Bateleiros mal se podia romper.

Segundo nos dizem, os emprezarios destinam a alguns artistas pobres o producto do baile de terça feira proxima. E' uma acção generosa, e por isso merece ser auxiliada.

Hoje ha o baile do costume.

* * *

No baile:

— Gosta de walsar?

— Não é mau, mas um calice de marrasquinho é melhor.

INTRUJICE

Lavra extraordinaria agitação entre os habitantes de Mataduços. E' o caso que um d'estes dias appareceu por lá um mariolão que ninguem conheceu, dizendo que todo aquelle que pelo carnaval se apresentasse com mascara sem sello, pagaria a multa de 50$00 réis.

O caso produziu impressão no animo d'aquella pobre gente que resolveu protestar contra esta medida vexatoria, supprimindo todos os divertimentos carnavalescos.

Andam bem, mas melhor andariam se desancassem o intrujão que tão descaradamente foi zombar da sua simplicidade.

Recebemos a seguinte circular:

Ill.mo e ex.mo sr.—A Associação Academica de Coimbra tem actualmente voltada toda a sua attenção para a reconstrucção do Theatro e Club Academico, e para o conseguimento d'essa empreza tem já promptos alguns trabalhos e vae pedir auxilio ao ex.mo ministro das obras publicas.

Esta reconstrucção é uma necessidade para a Academia de Coimbra e oxalá que as outras Academias de Portugal lhe sigam o exemplo. Ao passo que lá fóra, no estrangeiro, já hoje se considera a educação physica como um dos primeiros factores do desenvolvimento d'um Povo, no nosso Paiz tem-se infelizmente descurado esse assumpto, e apenas poderemos registar um ou outro esforço isolado e quasi esteril. «E' preciso que aprendamos a fazer homens, no mais lato sentido do termo», disse ha pouco o eminente sociologista Demolins n'esse livro que revolucionou a França; e a maneira de conseguir esse desideratum, cuja absoluta necessidade se impõe, está, em primeiro logar, n'um justo desenvolvimento physico, que acompanhe o da intelligencia, estabelecendo assim a completa harmonia do corpo e do espirito.

E', pois, para dotar os estudantes, futuros dirigentes do Paiz, da maxima resistencia, e para ao mesmo tempo desenvolver n'elles o gosto pela Arte nas suas mais elevadas manifestações, que a Associação Academica intenta a reconstrucção do Theatro e Club Academico, em cujas salas os seus socios encontrarão todos os elementos necessarios ao alto fim a que visamos.

Grandes são porém as difficuldades da empreza, que só poderá ser levada a cabo com o auxilio de todas as forças intelligentes do Paiz. E porque a Imprensa é a maior de todas essas forças, como formadora e orientadora da opinião publica, esta Associação vem pedir a v. ex.ª se digne advogar-lhe a causa, que aliás deverá ser particularmente sympathica aos jornalistas, na sua maioria sahidos dos bancos das nossas Escolas.

E' a Imprensa o maior auxilio com que contamos, certos de que nos acompanhará com amor.

Deus Guarde V. Ex.ª

Ill.mo e Ex.mo Sr. Redactor do *Povo de Aveiro*.

Coimbra, 9 de fevereiro de 1900.

O Presidente da Assembléa Geral, *José de Mattos Sobral Cid.*—O Presidente do Conselho, *Julio da Silveira Brandão Freire Themudo.*—O Presidente da Direcção, *Antonio dos Santos Cidraes.*

Demolins a *revolucionar a França* é força de expressão. Muito antes de Demolins apparecer com os seus livros *Aquoi tient la supériorité des anglo-saxons? Les Français d'Aujourd'hui* e *L'Éducation Nouvelle*, onde ha pontos de vista falsos, embora esses livros sejam, no geral, excellentes, falsidade que se accentuou, ao que nos dizem, no ultimo trabalho que Demolins publicou e que ainda não lêmos, tinha Marey publicado o seu grande livro *La Machine Animal*, e foi este que abriu o novo periodo de investigações e de estudos em que Demolins é dos ultimos a apparecer, tinha Lagranje publicado o seu tambem notavel e magnifico livro *La Physiologie des Exercices du Corps*, seguido de *L'Hygiène de l'Exercice chez les Enfants et les Jeunes Gens* e de *L'Exercice chez les Adultes*, os melhores trabalhos que, no genero, conhecemos, e tinha o governo francez nomeado uma commissão para estudar o levantamento physico da raça, a qual produziu o melhor relatorio que existe sobre o assumpto. Diz o notavel physiologista italiano Mosso, no seu bello livro *L'Éducation Physique de la Jeunesse*, edição franceza, que o relatorio, dirigido ao ministro de instrucção publica por Marey, é *um modelo no genero* e que as propostas apresentadas á commissão por Demeny, outro illustre propagandista da educação physica, que tem escripto á farta, e muito bem, sobre o assumpto, e por Lagranje, *são trabalhos d'uma importancia capital*, (palavras textuaes) *dignas da meditação de todos aquelles que se consagram á educação physica.* «Marey, accrescenta o dr. Mosso, é o maior entre os physiologistas que até hoje se teem occupado do exercicio dos movimentos e da gymnastica.»

Já veem os illustres academicos que Demolins não tinha revoluções a fazer, porque a revolução já estava feita.

Mas seja como fôr, nós só temos que applaudir os signatarios do documento acima publicado no seu nobilissimo intento de fazer homens, com tanto mais enthusiasmo da nossa parte quanto é grande a nossa decepção por não termos visto até agora, em volta de nós, senão garotos.

O *Povo de Aveiro* não tem influencia de valia como representante da imprensa. Mas para o que elle servir no sentido que os estudantes reclamam, teem-no estes completamente ao seu dispôr.

A cadeira mais cara que se conhece é propriedade do papa. E' toda de prata macissa e vale 90:000$000 réis. Foi offerecida ao pontifice por um banqueiro norte americano.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

Vae estabelecer-se em França um comboio relampago, de Calais a Paris, que fará esse percurso em tres horas. Não tem similar no mundo. Percorrerá 135 kilometros por hora.

FRUCTA

Como o anno corre creador, tem affluido á nossa praça grande quantidade de melancias e de cachos do S. João, que os glotões adquirem por preços excessivos.

Depois d'isto ainda haverá quem diga que não ha dinheiro?

Morreu em Lisboa o grande actor Furtado Coelho, aquelle a quem ha pouco prestaram uma homenagem sincera.

ANNUNCIOS

CONCURSO

PELA Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas se faz publico que por espaço de 30 dias, a contar da data d'este, se acha aberto concurso para o logar de cobrador d'esta Associação com o ordenado annual de 43$200 reis. As condições acham-se patentes na secretaria da Associação.

Aveiro, 1 de Fevereiro de 1900.

O Secretario,

Florentino Vicente Ferreira.

mais impacientes, accorriam para a planicie, a fim de arranjarem um logar em torno da arena d'onde pudessem ver mais commodamente a continuação do torneio.

Os marechaes do campo e os seus subordinados compareceram promptamente, assim como os arautos, para receberem os nomes dos cavalleiros que se apresentassem para tomarem parte no torneio, e tomarem nota do partido em que cada um queria alistar-se. Esta precaução era necessaria para egualar as duas forças que deviam ser collocadas em opposição.

De accordo com as formalidades estabelecidas, o cavalleiro «Desamparado» era o chefe de um dos partidos, emquanto Brian de Bois-Guilbert, que fôra considerado o segundo em valor no dia antecedente, foi nomeado chefe do outro partido. Os que tinham sustentado o desafio na vespera adheriram ao seu partido, excepto Ralph de Vipont, cuja quéda o impossibilitava de pegar em armas por uma temporada. De resto, não faltaram distinctos e nobres candidatos a engrossar as fileiras de um e outro lado.

De facto, comquanto o torneio geral, em que todos os cavalleiros combatiam ao mesmo tempo, fosse mais perigoso do que os cambates singulares, era no entanto mais frequentado e praticado pela cavallaria d'esse tempo. Muitos que não tinham bastante confiança na sua pericia para desafiarem um só adversario de grande reputação, desejavam, comtudo, patentear o seu valor no combate geral, onde podiam encontrar adversarios em condições de maior egualdade. Na occasião presente cerca de cincoenta cavalleiros estavam já inscriptos em cada partido quando os marechaes declararam que não podiam ser admittidos mais, com grande desapontamento de muitos que já chegaram tarde a pedir para serem incluidos.

Perto das dez horas toda a planicie estava coberta de espectadores dos dois sexos, a pé e a cavallo, á espera do torneio; e pouco depois os sons estridentes das trombetas annunciaram a chegada do principe João e do seu sequito, seguido por muitos cavalleiros que tencionavam tomar parte na lucta, além d'outros que não tinham a mesma tenção.

Quasi ao mesmo tempo chegou Cedric o Saxão com *lady* Rowena, mas não acompanhado de Athelstane. Este tinha envergado uma armadura sobre a sua alta e robusta pessoa para tomar logar entre os combatentes; e, com grande espanto de Cedric, tinha-se alistado no partido do templario. O Saxão fez, é certo, energicas admoestações ao seu amigo sobre essa escolha desassisada; mas não recebeu outra especie de resposta senão a que costumam dar as pessoas que teem mais obstinação em fazerem a sua vontade do que razões para se justificarem.

A melhor razão, se não era a unica, que Athelstane tinha para se unir ao partido de Brian de Bois-Guilbert, teve elle a prudencia de a guardar para comsigo. Comquanto a apathia do seu temperamento o impedisse de fazer qualquer esforço para ser agradavel a *lady* Rowena, não era, comtudo, insensivel aos seus encantos e considerava a sua união com ella coisa decidida irrevogavelmente pelo consentimento de Cedric e das outras pessoas amigas de *lady* Rowena. Fôra por isso com secreto despeito que o orgulhoso mas indolente senhor de Coningsburgo vira o vencedor do dia antecedente escolher *lady* Rowena, usando do privilegio que lhe conferia o seu triumpho. Para o castigar por esta preferencia, que parecia um attentado contra a sua pretenção, Athelstane, confiando na sua força e na dextreza que os seus aduladores lhe attribuiam no jogo das armas, resolvera não só privar o cavalleiro «Desamparado» do seu poderoso auxilio, mas, caso se offerecesse ensejo, fazer-lhe sentir o peso da sua acha d'armas.

(Continúa.)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — **VENDAS SO A DINHEIRO**

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria,** bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA—PHAROL

Os srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, dromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo se vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas dos srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo aceio e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

NESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho

---

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoite das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO